

“LETRA FEIA” É DISGRAFIA: COMO O PROFESSOR DEVE ATUAR DIANTE DESSE TRANSTORNO DE APRENDIZAGEM.

Autor (1) Ana Helena Soares Cordeiro

Resumo: A disgrafia é um transtorno de aprendizagem também chamado de letra feia. Caracteriza-se como uma dificuldade na escrita, devido a um problema perceptivo-motor, que afeta a capacidade de escrever letras, palavras, frases, números e símbolos. Tais dificuldades apresentam-se no período de alfabetização, quando o educando apropria-se do sistema alfabético e numérico. Nesse âmbito, a pesquisa busca, através da conceituação do termo, facilitar a identificação dos alunos disgráficos e como posicionar-se diante deles, objetivando a melhora no desempenho escolar, utilizando uma metodologia qualitativa e descritiva fundamentada em levantamentos bibliográficos. O papel do professor é ser um facilitador e motivador, tendo em vista a proximidade, o contato diário com estes sujeitos aprendentes, mostrando-lhes suas habilidades e competências. Pretende-se, com esse estudo, que o professor desperte e promova mudanças em sua prática pedagógica, visando alcançar esses alunos que convivem com esta limitação cotidianamente.

Palavras-chave: Disgrafia. Dificuldade de Aprendizagem. Motivação. Atuação do professor.

INTRODUÇÃO

O ato de escrever é uma tarefa complexa que requer muitos estímulos ao ser executada, depende da percepção auditiva, da discriminação e da memória sequencial auditiva. A criança ao entrar na escola, possui o domínio da linguagem oral, porém, para a escrita, é necessário um esforço cognitivo maior, devido aos códigos linguísticos que envolvem a formação de palavras, frases e fonemas. Ao escrever, a criança precisa ter uma noção de espaçamento, tamanho, formas e, para que isso ocorra, são necessários diversos estímulos psicomotores.

A escrita eficaz ajuda as pessoas a lembrar, organizar e processar as informações. A caligrafia é o resultado gráfico de processos motores, perceptivos e cognitivos utilizados para representar objetos reais e eventos, e mais tarde para representar a linguagem falada (Addy, 2004). Dentro desse contexto, as dificuldades de aprendizagem com relação à escrita subdividem-se em dois tipos, a disgrafia, relacionada a um problema de motricidade fina, de coordenação visuo-motora e de memória, e a disortografia, relacionada à formulação e codificação que antecede o ato de escrever (Fonseca, 1999).

Etimologicamente, disgrafia é uma palavra de origem grega dos termos “dys” que indica a existência de prejuízo, “graph”, refere-se a função da mão ao escrever e

o sufixo “ia” que significa ter uma condição, ou seja, é “uma perturbação de tipo funcional que afeta a qualidade da escrita do sujeito, no que se refere ao seu traçado ou à grafia.” (Torres & Fernández, 2001, p. 127); prende-se com a “codificação escrita (...), com problemas de execução gráfica e de escrita das palavras” (Cruz, 2009, p. 180). A disgrafia é uma dificuldade que afeta a qualidade da escrita, por não recordar a grafia das letras ao escrever, o que não significa dizer que o disgráfico tem um comprometimento cognitivo; ao contrário, são crianças, em sua maioria, muito inteligentes.

A letra do disgráfico é considerada como letra feia, por apresentar características como letras e/ou palavras muito grandes ou pequenas, escrita lenta, uso incorreto de letras maiúsculas e minúsculas, espaçamento inconsistente, alinhamento incorreto, comprometendo assim a compreensão leitora. Dessa forma, essa disfunção altera a escrita e afeta a forma e/ou o significado da grafia. A pessoa disgráfica acaba por tendo dificuldade no ato de escrever, provocando uma grafia confusa e cansaço muscular, que, por sua vez, são responsáveis por uma caligrafia deficiente, com letras pouco diferenciadas, mal elaboradas e mal proporcionadas, afirma Simaia Sampaio (2014).

Este estudo visa conhecer a Disgrafia, suas causas e possíveis soluções para correção no processo ensino/aprendizagem, à medida que tem como objetivos identificar e conhecer os fatores que comprometem o rendimento escolar dos alunos disgráficos. De modo geral, a identificação das crianças com disgrafia é um passo fundamental para que os responsáveis e professores possam utilizar técnicas eficientes e precisas para auxiliar na aprendizagem dos aprendentes.

Diante do exposto, Barros afirma:

A pessoa disgráfica apresenta também uma série de outros sinais que dificultam o desenho das letras, e que por sua vez também causa esse tipo de problema. Entre estes sinais encontram-se uma postura incorreta do material a ser utilizado, que inclui a forma de segurar o lápis, a pressão insuficiente sobre o papel, e também um ritmo muito lento ou excessivamente rápido. (BASTOS, 2013. p. 1)

A disgrafia, por ser desconhecida pelos educadores e pais, torna-se um verdadeiro desafio para ser identificada nos anos iniciais. Nesse contexto, a formação inadequada pode afetar toda vida escolar, o futuro, a vida social e profissional dos aprendentes. De acordo com Fonseca e Cruz (2001: 44), “uma abordagem cognitiva à aprendizagem constitui, portanto, um novo desafio aos sistemas que têm a responsabilidade social de desenvolver os recursos humanos em qualquer idade, condição ou contexto”. Entretanto, um fator é primordial para auxiliar no processo ensino- aprendizagem, a motivação, que vincula-se ao aperfeiçoamento dos processos cognitivos básicos, como atenção, percepção e memória, essenciais no processo de aprendizagem. É preciso conhecer para melhorar a prática em prol dos educandos. Diante do exposto, o professor assume um papel primordial: estabelecer um bom relacionamento com a criança e fazê-la perceber o quanto sua presença é relevante para apoiá-la no que precisar.

OBJETIVO

As dificuldades de leitura e escrita afetam a capacidade de aprender e, conseqüentemente, a qualidade de vida das pessoas. Esse estudo tem como objetivo aprofundar os conhecimentos sobre disgrafia, tipos e características, bem como, procurar estratégias que atendam às necessidades dos disgráficos. Técnicas que estimulem o desenvolvimento psicomotor em sala de aula facilitam o aprendizado desses educandos e devem ser postas em prática, visando a aprendizagem e melhor compreensão dos conteúdos.

CONCEITOS E CAUSAS

Disgrafia é uma dificuldade no ato motor da escrita, tornando a grafia algo indecifrável, isto é, uma caligrafia desviante à norma-padrão. É importante ressaltar que crianças disgráficas não possuem nenhum comprometimento cognitivo; pelo contrário, sua maior dificuldade está na escrita, por não lembrar a grafia das letras, a importância do espaço entre uma palavra e outra e o alinhamento correto ao escrever. Para Garcia (1998), a disgrafia é uma dificuldade no desenvolvimento da escrita, mas só se classifica como tal quando, por exemplo, a qualidade da produção escrita mostra-se muito inferior ao nível intelectual de quem a produz.

Pode-se afirmar que

[...] a disgrafia caracteriza-se por uma escrita mal elaborada, feia, não se conseguindo, muitas vezes, decifrar o que está escrito. Há vezes que nem a própria criança consegue entender o que escreveu. Entre os adultos a disgrafia é encontrada, de modo tradicional, principalmente no meio médico, pois poucas são as pessoas que conseguem decifrar o que foi escrito no receituário. (TOPCZEMWKI, 2000. p.1)

Esse déficit na coordenação motora fina, segundo Caraciki (2006) apresenta-se de duas formas:

- Disgrafia motora: A criança ler e fala bem, porém encontra dificuldade para escrever as letras, palavras e números; ela visualiza tais símbolos gráficos, mas não consegue realizar os movimentos ao executá-los.
- Disgrafia perceptiva: A criança não consegue estabelecer uma relação entre o sistema simbólico e as grafias que representam as palavras, os sons, frases e números. É importante evidenciar que pode haver uma confusão com a dislexia, só que a dislexia está relacionada à leitura e a disgrafia à escrita.

Uma das principais causas da disgrafia é a falta de coordenação motora, contudo ainda é um estudo complexo, são muitos fatores que podem alterar a escrita. Torres & Fernández (2001) apresentam três tipos de causas da disgrafia: maturativas, relacionadas à lateralidade e eficiência psicomotora. São crianças desajeitadas do ponto de vista motor (normalmente possuem idade motora inferior à idade cronológica), apresentam escrita irregular ao nível da pressão, velocidade e traçado e perturbações perceptivo-motora, estruturação/orientação espacial e

interiorização do esquema corporal; as causas caracterias relacionadas a fatores da personalidade da criança e do meio que convive, que podem determinar o aspecto do grafismo (estável/instável, lento/rápido), bem como os fatores psicoafetivos, por refletir na escrita seu estado e tensão emocionais; e, por fim, as causas pedagógicas associadas às metodologias de ensino, relacionadas, por exemplo, com instruções e ensino rígido/inflexível, mudança abrupta de letra de imprensa para letra manuscrita e/ou exaltação excessiva na qualidade ou rapidez da escrita.

CARACTERÍSTICAS E TIPOS DE DISGRAFIA

A disgrafia, como qualquer outro transtorno de aprendizagem, possui características peculiares que a diferencia no desenvolvimento da escrita. Vários autores sugerem características comuns às crianças que possuem disgrafia, todavia é de suma importância saber que, para confirmar tal problema, a criança deve apresentar um conjunto (ou sua totalidade) das seguintes condições:

- Letra excessivamente grande (macrografia) ou pequena (micrografia), disgrafia relacionada ao tamanho;
- Forma das letras pobres;
- Alinhamento incorreto;
- Traçado exagerado e grosso (que vinca o papel) ou demasiado suave e imperceptível, disgrafia de pressão;
- Espaçamento irregular das letras ou palavras, que podem parecer desligadas, sobrepostas/ilegíveis ou pelo contrário, demasiado juntas, disgrafia de ligação;
- Desorganização geral na folha/texto;
- Escrita demasiado rápida ou lenta;
- Utilização incorreta do instrumento com que escrevem (Ajuriaguerra et al., 1973 e Casas, 1988, cits. por Cruz, 2009; Torres & Fernández, 2001), disgrafia postural.

Esses tipos de disgrafias citados manifestam a inevitabilidade de intervenção o mais rápido possível, de modo a atenuar o problema.

INTERVENÇÃO

A figura do professor é determinante na fase de alfabetização, por ser a pessoa que permanece o maior tempo com a criança e por ser uma das primeiras pessoas a notar as dificuldades de aprendizagem. Tendo como ponto de partida o atendimento educacional, Coelho (2012) expõe que, para ajudar um aluno com disgrafia, o professor deve estabelecer um bom relacionamento com a criança e fazê-la perceber que sua presença é relevante para apoiá-la quando mais precisar.

Inicialmente, ao diagnosticar um disgráfico, em hipótese alguma deverá forçá-lo a realizar atividades que não dará conta. A criança com disgrafia necessita de uma intervenção direta e individualizada, com métodos e técnicas variadas para suprir sua necessidade individual. O professor deve apresentar sua escrita como

modelo, além de reforçar os aspectos positivos e os esforços desses aprendentes, permitir mais tempo para tarefas escritas. Além dessas estratégias, outras atividades podem beneficiar a aprendizagem dos disgráficos, como brincar com argila para fortalecer a musculatura dos dedos, manter linhas dentro de labirintos para expandir o controle motor, ligar pontos ou traços para criar letras ou números completos, tampar letra com cartão e imaginá-la mentalmente, dar ênfase a expressão oral.

Ao perceber que o aprendente apresenta desmotivação e desinteresse o professor deve alterar a intervenção, buscando estimular a criança. Deve-se evitar técnicas e métodos exíguos, generalizados e inflexíveis. Outro aspecto fundamental é reforçar e elogiar os progressos, mesmos que esses sejam escassos. Assertivas como “Hoje sua letra está bonita!”, “Você respeitou a margem! Parabéns!” surtem um efeito esplêndido.

Acerca disso Camargo (2008) afirma que a reeducação do grafismo está relacionada a três fatores fundamentais: desenvolvimento psicomotor, ao grafismo e escriptográficas. O desenvolvimento psicomotor está relacionado aos aspectos relacionados a postura, controle corporal, dissociação de movimentos, representação mental do gesto necessário para o traço, percepção espacio-temporal, lateralização e coordenação visomotora. Quanto aos aspetos relacionados ao grafismo, o educador deve preocupar-se com o aperfeiçoamento das habilidades relacionadas à escrita, distinguindo atividades pictográficas (pintura, desenho, modelagem) e escriptográficas são fatores relacionados a utilização do lápis e papel – melhorar os movimentos e posição gráfica), corrigir erros específicos do grafismo, como a forma/tamanho/inclinação das letras, o aspecto do texto, a inclinação da folha e a manutenção das margens/linhas.

Outras técnicas podem ser usadas no caso da disgrafia para auxiliar o trabalho do educador em sala de aula, como por exemplo:

- Pincel: é o instrumento ideal na fase inicial, para que a criança perceba a pressão exercida sobre a folha de papel;
- Exercícios grafomotores: ideal para melhorar a coordenação motora e o domínio das mãos ao movimentar o lápis no papel;
- Caligrafia: ideal para reaprender a forma e o espaçamento das letras;
- Posição ao escrever: o aprendente precisa ser orientado sobre a forma mais adequada para escrever, sem causar fadiga ou dor;

Assim como a escola, a família é essencial na colaboração e incentivos dos aprendentes, em casa as crianças podem desenvolver algumas atividades que vão auxiliar o trabalho do educador como desenho, pinturas, modelagem escrita diversificada com lápis, pincel, giz de cera. É imprescindível que todas essas atividades, tanto na escola quanto em casa, sejam realizadas com a criança sentada.

A intervenção requer a detecção, o diagnóstico e o tratamento adequado, com uma proposta multidisciplinar capaz de auxiliar professores, pais e aprendente, uma vez que métodos e técnicas ineficazes geram insegurança e fracasso escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na década de 70 a inclusão de alunos com Necessidades Educativas Especiais nas instituições de ensino regular, caracterizou o sistema educacional como heterogêneo, tornando as escolas um sistema de apoio adequados às necessidades de cada criança.

Contudo, hodiernamente, esse é o grande desafio encontrado nas escolas, encontrar estratégias que atendam às necessidades de cada educando. Entende-se que é indispensável uma mudança na prática tradicional presente nas instituições de ensino, porém é necessário aprofundar o estudo para analisar o papel de cada indivíduo no processo ensino-aprendizagem, além de respeitar suas individualidades.

É evidente que após a identificação dos alunos disgráficos, poderão ser tomadas medidas elencadas mediante a problemática de cada aprendente, numa ação conjunta e integrada com a família, com recursos e procedimentos concretos de modo a sanar gradativamente as dificuldades no âmbito escolar e fora dele.

Sugere-se com esse estudo oportunizar o conhecimento sobre disgrafia, assim os educadores poderão intervir adequadamente na necessidade do educando. Diversificar metodologias, intercaladas a um acompanhamento profissional especializado e comprometido é o meio mais convicto para o sucesso escolar dos educandos portadores de disgrafia.

REFERÊNCIAS

ADDY, BOS & VAUGHN, JONES. O que é disgrafia? Disponível em: <http://www.cadin.net/saber-mais-dislexia-2/166-o-que-e-a-disgrafia> Acesso em: 04 março de 2018.

BASTOS, Ana Carmen. ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE PESSOAS COM DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM ESPECÍFICAS - APPDAE, 2013.

CARACIKI, A. Letra feia é desleixo? Curso de oratória: voz e fala, 2006. Disponível em: <http://www.opoderenergeticodavoz.fnd.br/disgrafia.htm> Acesso em 20 de março 2018.

CAMARGO, M. J. G. Disgrafia Motriz. Neuropediatria, 2008. Disponível em: http://www.neuropediatria.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=93:disgrafia-motriz&catid=59:transtorno-de-aprendizagemescolar&Itemid=147 Acesso em: 14 abr. 2018.

COELHO, D. T. Dislexia, disgrafia, disortografia e discalculia. Portugal. Porto: Areal Editores, 2012.

CRUZ, V. (2009). Dificuldades de Aprendizagem Específicas. Lisboa: LIDEL – Edições Técnicas, Ltda.

GARCIA, J. N. Manual de dificuldade de aprendizagem: linguagem, leitura, escrita e matemática. Tradução de Jussara Houbert Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. Pesquisa realizada em: http://www.redalyc.org/redalyc/pdf/848/8480_5805.pdf Acesso em 15 de março de 2018.

SAMPAIO, Simaia. Psicopedagogia Brasil – Blog Ana Carmen Bastos- Psicopedagoga. Acesso em 20 de março de 2018 (<https://sites.google.com/site/anabastospsicopedagoga/disortografia>)

TORRES, R. & FERNÁNDEZ, P. (2001). Dislexia, Disortografia e Disgrafia. Amadora: McGraw – Hill.

TOPCZEMWKI, Abram. Aprendizado e- Suas Desabilidades - Como Lidar? São Paulo: Casa do Psicólogo Editora, 2000.